

Editorial [PT]

por **Christiane Costa de Matos Fernandes & Deborah Moreira Guimarães**

christianecostamf@gmail.com, deborahmoreiraguimaraes@gmail.com

DOI: 10.12957/ek.2020.51733

Volume 9, número 1 – julho/2020: Hermenêutica e Fenomenologia

Quem se dedica à pesquisa nas áreas de hermenêutica e/ou fenomenologia hermenêutica contemporânea compreende que existe um elemento que atravessa de modo fundamental o olhar e a investigação: o campo de possibilidade de realização das ações. Toda e qualquer performance, desde a mais simples à mais complexa, é realizada a partir de um tempo e de um lugar que oferecem os modos possíveis nos quais a ação e a lida com todo e qualquer ente, com todo e qualquer significado e, também, com todo e qualquer valor possuem suas condições de manifestação. Mas qual é o sentido dessa consideração logo de início em um editorial de uma revista acadêmica? Seria apenas uma necessária introdução tendo em vista o foco e o escopo da revista?

A *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia* completou oito anos. Nesse tempo, com a editoria cuidadosa e responsável de Rebeca Furtado de Melo, publicou diversos artigos, traduções e resenhas que contribuem para o debate filosófico brasileiro, latino-americano e internacional. Agora, no despontar do seu nono ano, inaugurado nesta edição, a *Ekstasis* passa por uma reestruturação. Já há algum tempo buscamos ampliar a divulgação da revista, bem como comunicar as publicações realizadas por meio de um projeto de internacionalização – projeto com ações de curto, médio e longo prazo. Em curto prazo começamos a publicar nosso editorial também em outras línguas: inglês e espanhol, além de traduzir todas as normas e diretrizes para autores, a fim de facilitar o acesso ao nosso portal e a submissão de trabalhos em outras línguas. Em médio e longo prazo o projeto visa ampliar as bases de indexação, tanto em repertórios nacionais como internacionais. Ainda, no interior da reestruturação da revista, realizamos o cadastro de novos pareceristas, inauguramos uma editoria de tradução e uma

editoria de resenha, além de uma nova seção, destinada à publicação de entrevistas. Esse projeto não seria possível sem uma equipe qualificada e comprometida, pessoas que voluntariamente já vêm contribuindo em edições passadas. Equipe que não podemos deixar de nomear e agradecer: Gabriel Dietrich e Marcelo Lopes, como editores de resenha e revisores; Clio Tricarico, como editora de tradução e revisora; e Matheus Schmaelter, Fábio Cândido e Roberta Cassiano, como revisores. Contamos também com mais um editor responsável: o professor Paulo César Gil Ferreira, que gentilmente aceitou o nosso convite. Mas qual é a relação entre as considerações e questões colocadas no início e a apresentação da nova equipe?

O tempo histórico que nos atravessa, no qual performamos possibilidades existenciais, é marcado por crescente desvalorização da ciência, da filosofia, da universidade e de todo conhecimento orientado metodologicamente – aqui é necessário distinguir as críticas necessárias às estruturas opressoras dessas instituições, mas que não as desacredita de modo a vetar suas virtudes, ao contrário, visa a ampliação e a democratização do saber e dos saberes. Dissimulação, manipulação e revisionismo são, infelizmente, traços que ganharam contornos profundos, como se as linhas tenebrosas feitas à lápis e grafite em nossa história – e que lutamos para não serem refeitas, porém jamais esquecidas – fossem revisitadas por mãos oportunistas que carregam formões.

Portanto, assumir tarefas voluntárias em um periódico acadêmico, vinculado a uma universidade pública, é uma forma – dentre outras – de contrapor-se a essa feição perigosa de nosso presente. É ter clareza que em cada performance realizada no presente, a partir do que é possível a cada um, abrimos caminhos para um tempo porvir. Ao contrário do que possa parecer, não se trata aqui de algo como “profissão de fé”, seja no sentido figurativo ou literal, mas de responsabilidade pelas dinâmicas que marcam as articulações históricas engendradas no acontecer de nossas vidas. Poderíamos, cada membro da equipe, continuar nossas pesquisas e trabalhos sem participar da *Ekstasis*. Mas não o fazemos. Não o fazemos porque queremos um tempo porvir em que a filosofia, o pensamento rigoroso, a ciência e a universidade ainda sejam manifestações possíveis. Que o bom debate, aliado à integridade intelectual e ao compromisso com as coisas mesmas em seu caráter desvelador e indubitavelmente verdadeiro, seja ainda um elemento capaz de mobilizar modos de existência e modos de relação. Se, como dito acima, não se trata de algo como “profissão de fé”, o presente escrito tampouco consiste

em um manifesto. Reiteramos: o que nos motiva é a responsabilidade para com o presente, o que a própria investigação fenomenológico-hermenêutica torna elucidativo ao redirecionar o olhar de maneira atenta para o que realmente importa. Afinal, *se o presente é um passado vivente, o futuro será possibilidades do presente que mantivermos vivas*. O tempo de realização de nossas ações é, portanto, o tempo da verdadeira confrontação.

Temos, no entanto, que reconhecer que nosso corpo editorial é um meio entre duas pontas. Ele está entre o projeto de publicações da UERJ, que abre o caminho para a publicidade e publicação dos trabalhos realizados na universidade, e os autores e autoras que produzem e submetem seus textos à revista. Portanto, mesmo com nossa equipe, dar continuidade ao projeto da *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia* não seria possível sem o suporte técnico e profissional da Nathalia Ávila, do Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ, e os autores e autoras que acreditam no projeto da revista, colaborando com o envio de trabalhos. Portanto, é imprescindível encerrar o editorial desta edição citando os diversos artigos, resenhas e traduções que a compõem.

Inauguramos a presente edição com a entrevista de Rebeca Furtado de Melo, intitulada *Sobre reconhecimento, parceria e gratidão*. Nela, Rebeca nos conta sobre o surgimento da *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia* e também de seu percurso como pesquisadora, professora, feminista, mãe e militante pela agroecologia.

Na seção de resenhas, Thiago Luiz de Sousa discorre acerca da obra *O único e o singular* de Paul Ricoeur. Na mesma seção, trazemos através da tinta de Paulo César Pinto de Oliveira a apresentação do livro *A falta que Marx nos faz*, de Marco Casanova.

Inaugurando a seção de artigos, Bernhard Josef Sylla nos propõe uma questão: *Johannes Lohmann – o Heidegger da Ciência da Linguagem?* Rodrigo Amorim Castelo Branco nos leva a refletir acerca das *Tonalidades afetivas fundamentais e o deslocamento do humano em Heidegger*. Ainda na seção de artigos, Gilvanio Moreira Santos discute temas centrais *Sobre a questão da pobreza inessencial e essencial: do não necessário ao não-necessário em Martin Heidegger*. Daniel Peluso Guilhermino apresenta *A crítica de Husserl à teoria do juízo de Brentano e seu papel na formulação da primeira teoria fenomenológica da intencionalidade*. Klinger Scoralick disserta sobre *Fenomenologia e resistência em Levinas*. Renan Silva Carletti e Gilberto Safra nos sugerem a pensar *Entre bolhas e portas: um diálogo sobre a noção de intimidade entre Peter Sloterdijk e Gaston Bachelard*. Carlos Fernando Silva Brito apresenta *O perdão e a promessa como modos*

de preservação do mundo em Hannah Arendt. Natalia Mendes Teixeira sugere um diálogo com *A filosofia da existência de Kierkegaard: background da Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.* Roberto S. Kahlmeyer-Mertens e Giovani Augusto dos Santos tematizam e analisam os conceitos de *Befindlichkeit e Stimmung, das tonalidades afetivas na analítica existencial de Heidegger.* José Antonio Mesquita Perez põe em tela o ato de *Orientar-se no campo da Orientação Profissional: contribuições da Fenomenologia.* E, finalmente, Romano Deluque Júnior e Márcio Luís Costa oferecem um importante panorama por meio da questão *Preconceito ou pré-conceito? construindo sentidos sobre preconceito e saúde à luz da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer: uma revisão integrativa.* A edição é concluída com a fundamental tradução de Adriano Mergulhão *A disputa de Davos entre Ernst Cassirer e Martin Heidegger.*

Agradecemos também a todos os pareceristas *ad hoc*, nomeados ao final desta publicação, e aos membros do conselho editorial, especialistas que gentilmente participaram da avaliação de artigos no período correspondente à elaboração desta edição.

Desejamos boa leitura a todas e todos e vida longa à *Ekstasis!*